

X ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

CONHECIMENTO E MÉTODO EM MARX – UMA ABORDAGEM ONTOLÓGICA

Ana Joza de Lima¹; Betânea Moreira de Moraes²

RESUMO

O presente trabalho vincula-se a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE, linha Marxismo e formação do educador. O trabalho faz uma discussão acerca da problemática do conhecimento e do método em Marx, que por fundamentar seu pensamento em uma ontologia do ser social, inaugura uma nova forma de fazer ciência e filosofia, diferentemente do paradigma moderno centrado na subjetividade. Aqui, daremos destaque aos aspectos filosóficos e epistemológicos da pesquisa os quais vem sendo utilizados como suporte teórico e de análise da realidade estudada.

Palavras-Chave: Conhecimento. Método. Marx.

INTRODUÇÃO

Para entender o lugar da problemática do conhecimento e do método no pensamento de Marx é necessário antes de qualquer coisa compreender a postura intelectual desse autor. Seu pensamento está fundado em uma ontologia do ser social que compreende a realidade como uma totalidade de múltiplas mediações e determinações. Em Marx a teoria e o método não podem ser desvinculados da práxis da pesquisa, mas compreendem lados da mesma moeda.

É importante destacar que ao longo da história, a abordagem da problemática do conhecimento foi feita a partir de dois caminhos diferentes, assumindo o ponto de vista gnosiológico ou o ponto de vista ontológico, sendo este último ontológico metafísico na sociedade greco-medieval e ontológico histórico-social inaugurado por Marx. De acordo com Tonet (2010), o método científico se tornou sinônimo de “método científico moderno”, ou seja, como se o único método científico capaz de apreender a realidade fosse o método construído pela sociedade moderna em ascensão.

Em relação à diferença que se opera nesses dois pontos de vista, destaca-se que o ponto de vista gnosiológico é aquele em que a problemática do conhecimento está centrada no sujeito, ou seja, é este que tem a regência do processo de conhecer a realidade, é ele que constrói teoricamente o objeto, ou seja, o sujeito é o polo regente do conhecimento. Daí resulta a necessidade de se questionar sobre a capacidade da razão humana de conhecer o mundo a sua volta.

¹Autora: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa – Funcap, Fortaleza-CE e Professora de Sociologia da SEDUC/CE; E-mail: analima_csociais@hotmail.com.

²Orientadora: Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - PPGE/UECE, Fortaleza-CE. E-mail: betaneamoraes@hotmail.com

Já o ponto de vista ontológico, diferentemente do ponto de vista gnosiológico, centra a sua abordagem no objeto, o qual detém a lógica que deve ser conhecida. Sendo assim, cabe ao sujeito capturar a lógica do objeto, ou seja, a regência do conhecimento está no objeto, devendo o sujeito se subordinar à sua lógica interna.

Esses dois pontos de vista acerca da problemática do conhecimento não devem ser compreendidos de forma valorativa, mas enquanto construções históricas de uma determinada forma de sociabilidade a qual lança determinados interesses sociais. Podemos, assim, afirmar que ao longo da história tivemos três grandes momentos da abordagem do conhecimento, o greco-medieval, o moderno e o marxiano, os quais foram construídos segundo uma "razão" e interesses emergentes em cada época.

Concordamos com Tonet (2010) quando afirma que a abordagem ontológica marxiana é aquela que melhor captura a realidade em sua gênese e sua processualidade. Vivemos em uma sociedade perpassada pela divisão de classes de onde emanam concepções de mundo carregadas de sentido, ideias e valores que buscam fundamentar o domínio de uma classe sobre as outras. Sendo assim, nenhuma explicação centrada no sujeito poderá explicar a realidade de forma imparcial, mas ao contrário, sempre imprimirá seus interesses, suas "razões", mesmos que de forma implícita, nas teorias e conhecimento acerca da realidade. Portanto, só um conhecimento centrado no objeto, na realidade concreta, poderá nos mostrar as contradições reais e a lógica do seu movimento.

O presente trabalho tem por objetivo discutir sobre a produção do conhecimento, em especial sobre a perspectiva ontológica do ser social fundada por Marx, contribuir para as pesquisas que têm por orientação a abordagem marxiana do conhecimento e divulgar os debates sobre ciência e marxismo no campo acadêmico.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido objetivando investigar os fundamentos da pesquisa científica e em especial a pesquisa a partir da abordagem marxiana do conhecimento. Realizou-se uma pesquisa teórico-bibliográfica, na qual foram visitadas obras de Karl Marx, com ênfase em "Os manuscritos econômico-filosóficos", "O capital", "A ideologia alemã" e "Os Grundrisse", obras em que Marx expressa de forma mais clara sua concepção ontológica do ser social; também foram visitados autores como José Chasin, Karel Kosik, José Paulo Netto e Ivo Tonet, os quais debatem de forma plausível a problemática do conhecimento e o método em Marx.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Marx nunca se dedicou a escrever sobre o método científico moderno no sentido gnosiológico, isto é, como um conjunto de regras estabelecidas e apreendidas pelo sujeito, separadamente do objeto. Essa atitude tem a ver com a postura intelectual de Marx, que, por estar centrada numa ontologia do ser, parte das perguntas "O que é o ser?", "O que é a realidade?", para a partir de então discorrer sobre o lugar e a função que assume o conhecimento em determinada realidade histórica.

Nesse sentido, na perspectiva ontológica marxiana, é constatada a vinculação insuperável entre conhecimento científico e perspectiva de classe. Para Marx, a pergunta "A quem interessa conhecer a realidade e a que nível?" é de extrema importância, pois de acordo com o seu pensamento, o conhecimento é uma construção teórica do objeto, isto é, da realidade concreta, a qual é traduzida teoricamente pelos sujeitos histórico-sociais. Portanto, nega-se a neutralidade da ciência.

[...] a tomada de partido não é, necessariamente, um obstáculo para a compreensão da científica da realidade. Pelo contrário, desde que assumida a perspectiva da classe que, naquele momento histórico, fundamenta o padrão cognitivo mais elevado possível, a tomada de partido se revela uma condição positiva e imprescindível para a elaboração do conhecimento científico. (TONET, 2013, p. 111).

O conceito de "totalidade" é fundamental para compreender o método em Marx. A totalidade representa a realidade com a qual o objeto estudado mantém múltiplas mediações. Marx descobre um novo elemento inerente à totalidade, a práxis, o movimento do real e, assim, ele supera tanto a ontologia greco-medieval e a gnosiologia, as quais são conservadas e elevadas a um novo patamar, inaugurando uma nova forma de fazer ciência e filosofia. De acordo com Chasin (2009, p. 116):

O conceito de totalidade é absolutamente decisivo. Em última análise o método dialético é a pretensão de reproduzir na cabeça a totalidade do objeto inquerido. E do ponto de vista da dialética só a totalidade contém e revela a verdade. Fora da totalidade não há verdade.

Assim, o estudo de qualquer fenômeno requer o conhecimento das suas mediações com a totalidade objetiva, esta é que irá revelar e aproximar o pesquisador da verdade do objeto.

Outro aspecto importante no debate sobre a problemática do conhecimento em Marx são as categorias "essência" e "aparência": já afirmara o autor alemão que toda ciência seria desnecessária se essência e aparência coincidissem. De acordo com Kosik (1976), em Marx o conhecimento da realidade implica a captura do complexo processo de articulação entre essência e aparência em cada objeto, sem isso a realidade presume um caráter de pseudoconcreticidade, isto é, uma falsa realidade.

Ao partir de uma concepção ontológica da realidade, o método científico em Marx não se trata de um conjunto de procedimentos que o pesquisador determinada *a priori* para conhecer a realidade do objeto, isto porque é a lógica do objeto que determina os caminhos a serem percorridos até o seu conhecimento. Portanto, não existe um conjunto de regras formais que o pesquisador deve seguir, mas sim a necessidade de partir do próprio objeto atento aos instrumentos que permitem apreender a sua lógica interna. Conforme Netto (2011, p. 52):

Para Marx, o método não é um conjunto de regras formais que se aplicam a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada, nem menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para 'enquadrar' o seu objeto de investigação [...].

Portanto, a regência do conhecimento está no objeto, pois é a sua estrutura e dinâmica que comandam os procedimentos do pesquisador, cabe ao pesquisador capturar a lógica interna do objeto e extrair suas múltiplas determinações. Isso pode parecer um tanto quanto obscuro, mas Marx lança mão de um recurso que pode ajudar nessa caminhada, a "abstração". Se a realidade é uma totalidade objetiva com a qual todos os demais fatos mantêm uma relação recíproca de mediação, por meio da abstração um determinado fato/objeto pode vir a ser compreendido na medida em que é extraído da totalidade, analisado isoladamente, e inserido de volta, sendo possível assim conhecer tanto a singularidade do objeto quanto sua universalidade na medida em que se conhecem as mediações entre objeto e totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do referencial teórico nos permite concluir que em Marx é ilegítima uma separação rigorosa entre o método e a investigação concreta, pois para ele é indissociável a conexão entre elaboração teórica e formulação metodológica, o que impede uma abordagem que autonomize o método em face da teoria. Para Marx, o objeto é que detém a regência do conhecimento, cabendo ao sujeito apreender a sua lógica interna. Portanto, não existe uma regra determinada *a priori* pelo pesquisador, mas somente a partir do momento em que este se lança a pesquisar o objeto é que se mostram de forma mais explícita os caminhos e os instrumentos que permitem compreendê-lo de forma mais adequada.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Professora Orientadora Betânea Moraes, aos Professores Frederico Costa e Ruth de Paula pelas contribuições na disciplina de Pesquisa Educacional do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UECE, à Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC pela liberação para estudos e à Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa – Funcap pelo fomento da pesquisa na Pós-Graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASIN, J.. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.
HARVEY, David. **Para entender O capital**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Os manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. Tradução de Márcio Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método em Marx**. São Paulo: Expressão popular, 2011.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.